

“QUE NOSSA GULA O QUER NA FRENTE E ATRÁS”: PRÁTICAS SEXUAIS DESTOANTES NA LITERATURA DE PIETRO ARETINO

**“OUR GLUTTONY WANTES IN THE FRONT AND BEHIND”:
DISCORDANT SEXUAL PRACTICES IN PIETRO ARETINO’S LITERATURE**

Alloma Noara Pereira Modzelewski

Pesquisadora do Grupo Arte, Memória e Narrativa, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Mestranda pela Universidade do Paraná, Brasil
e-mail: alloma.noara@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0055-9288>

DOI:

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v6i12.19277>

Recebido em 30 de janeiro de 2018

Aprovado em 17 de abril de 2018

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade discutir as práticas sexuais, no que tange, principalmente, as práticas não normativas, apresentadas por Pietro Aretino nas obras *Pornólogos I* (1534) e *Sonetos Luxuriosos* (1525). Os textos de Aretino apresentam diferentes práticas sexuais, algumas inclusive não condizem com a estrutura social vigente, fortemente cercada pelas concepções cristãs. Para essa análise se faz necessário algumas reflexões frente aos estudos relacionados a sexualidade, sobretudo com Paul B. Preciado. Mas também sobre a anacronia, a partir de Rancière e Didi-Huberman, visto que a pretensão desse trabalho intenta em compreender tais práticas consideradas “fora da norma” que circundam entre passado e presente.

Palavras-chave: Práticas sexuais; Pietro Aretino; Anacronia

ABSTRACT

The present work has the purpose of discussing sexual practices, especially regarding the non-normative practices presented by Pietro Aretino in *Pornólogos I* (1534) and *Sonetos Luxuriosos* (1525). The texts of Aretino present different sexual practices, some even do not fit the current social structure, strongly surrounded by the christian conceptions. For this analysis it is necessary to reflect on studies related to sexuality, especially with Paul B. Preciado. But also about anachronism, starting from Rancière and Didi-Huberman, the pretension of this work tries to understand such practices considered "out of the norm" that surround between past and present.

Keywords: Sexual practices, Pietro Aretino, Anachronism

As considerações feitas com relação ao sexo e a sexualidade são frutos de debates estabelecidos em diferentes momentos. Medicina, religião, psicanálise entre outras áreas, se debruçaram sob todo o tipo de material sexual, desenvolvendo teorias e constituindo parâmetros. Nessa variedade de estudos, a sexualidade, em grande medida, foi fortemente reprimida por discursos que sobrepunham uma verdade normativa.

De modo geral, entende-se por repressão sexual o sistema de normas, regras, leis e valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais genitais (mesmo porque um dos aspectos profundos da repressão está justamente em não admitir a sexualidade infantil e não genital). Essas regras, normas, leis e valores são definidos explicitamente pela religião, pela moral, pelo direito e, no caso de nossa sociedade, pela ciência também.¹

A Igreja Católica estabeleceu meios para regimentar o controle sexual dos fiéis, mediando a ação do indivíduo frente a sua sexualidade². Os sujeitos estavam cerceados de normatizações, motivados por diferentes premissas “os teólogos reduziram ao mínimo o tempo para a cópula do casal”³. Nesse caminho, a história busca entender a complexidade da sexualidade e das práticas sexuais, alvo de tantas intervenções. Para este trabalho, tomaremos essa questão a partir da visão histórica de duas fontes literárias: *Sonetti Lussuriosi* e *Ragionamento della Nanna e della Antonia*⁴, do escritor italiano Pietro Aretino. Nascido em Arezzo em 1492, e falecido em Veneza no ano de 1556. Os *Sonetos Luxuriosos* foram escritos por volta de 1525, mas foram publicados postumamente. Já *Pornólogos I. Tertúlia entre Nanna e Antonia transcorrida em Roma sob uma figueira*, foi publicado em 1534. Essas obras possuem edições críticas e traduções para o português, sendo possível o acesso dos *Sonetos Luxuriosos*, em edição de 1792, e dos *Pornólogos I*, em edição datada de 1584.

Por ambas as obras exteriorizarem o sexo, num ambiente ainda envolto por inserções cristãs, na qual “[...] moralismos puritanos e contra-reformistas e uma maior introjeção dos controles morais sobre os hábitos somaram-se para promover, a partir do século XVI, um acirramento da repressão cultural em geral e sexual em particular”⁵. Os textos se apresentam como possibilidade de investigação, no que tange essa normatização quista pela Igreja, frente a dissipação de elementos, tal qual a literatura, promotoras das práticas sexuais para além do íntimo.

¹ CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual: Essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 77.

² VAN USSEL, Jos. *Repressão sexual*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

³ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986, p. 45.

⁴ *Sonetti Lussuriosi* e *Ragionamento della Nanna e della Antonia* são os nomes originais das publicações. Aqui tomaram-se os nomes das edições traduzidas, que são *Sonetos Luxuriosos* e *Pornólogos I. Tertúlia entre Nanna e Antonia transcorrida em Roma sob uma figueira*, respectivamente, utilizados como documentos. Os trechos das obras aqui citadas são retirados das edições críticas traduzidas.

⁵ CARNEIRO, Henrique. Amor, sexo e moral medico-clerical na época moderna. *Revista de História*, São Paulo n.132, p. 30, 1995.

A estrutura narrativa dos textos indica que “Aretino tornou essa literatura conhecida de um público leitor mais amplo e alterou seu conteúdo para atender as demandas desse público”⁶. Uma narrativa que usualmente teria o pênis como centro do enredo é **confrontada** por Aretino e suas “[...] bocetas tagarelas que revelaram uma série de segredos igualmente chocantes”⁷. A fala do documento a qual se atribui esse caráter chocante, é um primeiro indício do não lugar da fonte, ao apresentar uma temática sexual num contexto ainda permeado pela religião católica e suas normatizações. Pois “para a antiga moral cristã, a sexualidade nos é dada somente para procriar, e qualquer outro uso seria perverter a obra de Deus”⁸. Assim, esses textos escritos por Aretino, reforçam o caráter chocante por apresentarem práticas sexuais que, nesse contexto, não condizem com o aspecto cristão disseminado. Também se tem a impressão que Aretino circula entre as temporalidades, por assumir nas suas obras, uma expressão sobre as práticas sexuais que envolvem debates atuais.

Dessa maneira, ao tomarmos a literatura como o objeto central dessa pesquisa histórica, podemos propor a ela que nos apresente o seu presente, que aos nossos olhos consigamos encontrar para além do escrito nas páginas. Envolver a literatura concede ao historiador observar os momentos presenciados por essa narrativa, para por fim, nos permitir deixar envolver por ela. Pois,

[...] a Literatura é fonte de si mesma. Ela não fala de coisas ocorridas, não traz nenhuma verdade do acontecido, seus personagens não existiram, nem mesmo os fatos narrados tiveram existência real. A Literatura é testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita [...] ⁹.

Assim, a narrativa literária a qual vamos focalizar é a de Pietro Aretino, sua escritura é datada de meados do século XVI em uma Roma efervescente, o círculo pessoal de amizades constituído pelo autor contava com o alto clero romano. Na sua produção escrita, encontramos comédias, sátiras, pasquins, e dentre elas, as duas obras que serão base para esse estudo. Os *Sonetos Luxuriosos* (1525), contam com 24 sonetos que representam

⁶ FINDLEN, Paula. Humanismo, política e pornografia no Renascimento italiano. In: HUNT, L. (org.) *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade, 1500-1800*. São Paulo: Hedra, 1999, p. 98.

⁷ FINDLEN, 1999, p. 98.

⁸ FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 10.

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, n.p.

diferentes posições sexuais. Os *Sonetos* são compostos por uma narrativa mais dura, onde o uso dos tabuísmos dá estímulo ao texto. Enquanto *Pornólogos I* (1534), traz a narrativa de Nanna contando sua vida respectivamente de freira, esposa e prostituta, sendo que o elemento presente em toda sua vida é o desregramento no sexo.

A perspectiva singular de Pietro Aretino, nos proporciona uma reflexão sobre o papel desses documentos na compreensão da realidade descrita pelo autor, com a possibilidade de entender dimensões históricas da produção e da abordagem de um escritor, a partir das referências às práticas sexuais encontradas em sua obra. Nesse sentido,

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma.¹⁰

Em seus textos, Aretino coloca-se na voz de suas personagens, suscitando alternativas de refletir sobre como esse homem interpretava o universo ao seu redor, além de perpetuar tal concepção. O uso de fontes literárias nos ajuda a compreender aspectos relacionados ao cotidiano, que representam uma fatia de realidade de difícil acesso e a qual podemos aproveitar na pesquisa.

CONCEPÇÕES DE SEXO E PRÁTICAS SEXUAIS DISSIDENTES EM *PORNÓLOGOS I* E *SONETOS LUXURIOSOS*

Ao escrever *Pornólogos I* e *Sonetos Luxuriosos*, Aretino elencou o sexo como tema central em sua escrita. Nos *Sonetos* as práticas são evidentes, visto o meio em que a obra foi concebida¹¹, dessa maneira temos inúmeras descrições das práticas envolvendo um, dois ou três amantes, revelando múltiplos usos do prazer. Já em *Pornólogos I*, a narrativa é fluída, Nanna destaca sua vida, sendo o sexo fundamental na descrição da sua rotina, enquanto

¹⁰ PESAVENTO, 2007, s.p.

¹¹ Os Sonetos foram escritos por volta de 1525, após a apreciação de Aretino das representações de posições sexuais reproduzidas por Marcantonio Raimondi, feitas pelo pintor Giulio Romano. Informações retiradas das notas de tradução de José Paulo Paes: ARETINO, Pietro. *Sonetos Luxuriosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

freira e posteriormente entre as mulheres casadas. Contudo, quando descreve sua vida na prostituição, o sexo já não é mais central. Mesmo que escritos de maneiras diferentes, ambos os textos possuem um apelo sexual evidente, sendo possível identificar práticas sexuais que fogem a norma. Nesse sentido, Paul B. Preciado acredita que

Os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros masculino e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro. A diferença sexual é uma heterodivisão do corpo na qual a simetria não é possível.¹²

Dessa maneira, Aretino insere em seus textos diferentes práticas, entre elas as que estão fora dessa “heterodivisão”, privilegiando também outras formas de realizar o ato sexual. Michel Foucault afirma que ao fim do século XVI, o discurso sobre o sexo se intensificou, contribuindo para uma consolidação de uma ciência da sexualidade. Para Foucault, compreender o sexo em determinada sociedade, tempo e espaço, está relacionada com diversos fatores, ou seja:

[...] não é tanto saber o que dizer ao sexo, [...] mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala [...]. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas.¹³

O dito sobre o sexo está acompanhado das proposições que condicionam o discurso, compreender o grande enfoque dado por Aretino para as práticas sexuais nos textos, é encontrar caminhos para discutir como tais práticas eram representadas. Pois, para além da representação pública do sexo na literatura, Aretino expunha práticas sexuais não condicentes com a sociedade que o autor estava inserido, Roma do século XVI, onde práticas não voltadas para a procriação seriam passivas de punição,

Assim, por exemplo, numa sociedade que considera o sexo apenas sob o prisma da reprodução da espécie, ou como função biológica procriadora, serão reprimidas todas as atividades sexuais em que o sexo genital for

¹² PRECIADO, Paul.B. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014, p. 26.

¹³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 16.

praticado sem cumprir aquela função: masturbação ou onanismo, homossexualismo masculino e feminino (ou sodomia), sexo oral (felácio, cunilíngua), sexo anal, coito interrompido, poluição sem penetração (*voyeurismo*).¹⁴

Por mais discordante que as representações expostas nos textos de Aretino se apresentem com relação aos ensinamentos cristãos, ele evoca diferentes possibilidades de apresentar e discutir o ato sexual. Os episódios relatados por Nanna, a personagem principal de *Pornólogos I*, iniciam com sua entrada no convento e finalizam com a vida de prostituta. Nessa narrativa Nanna, pretende encontrar o melhor destino para a sua filha, seja como freira, esposa ou prostituta. A figura feminina que Aretino apresenta nessa obra é narrada em primeira pessoa, ele assume a voz dessa personagem, e perpassa com ela algumas conjunturas da sociedade. O autor torna-se a voz de Nanna, compartilhando sentimentos e ações íntimas femininas, como a descoberta da sexualidade. Os passos dados dessa mulher partem de alguém que, a princípio, conhece o funcionamento de seu mundo, sobretudo, por não demonstrar abalo pelas cenas vistas. No convento, a personagem circula livremente e nas frestas encontra seu deleite. “Acho que ninguém se preocupava em os tapar [fresta] e penso que as monjas tinham prazer em ficar se espiando”¹⁵. Ao apontar o prazer na observação, essa situação nos remete a uma prática de obtenção de prazer conhecida por *voyeurismo*. A este respeito, é possível refletir sobre o exercício do *voyeur*, que

Ao exhibir o perverso, a pornografia privilegia uma das perversões: o *voyeurismo*. Sim, pois o consumidor nunca está na cena pornográfica. Assim como nos espetáculos de strip-tease, ele olha de fora, de outro lugar: ele é um estranho. Isso nos leva novamente às searas da proibição: a experiência do voyeur é sempre da violação.¹⁶

O prazer em observar o outro nu, no ato sexual, é algo constante da personagem principal enquanto está no convento. Entre suas experiências, há sempre espaço para a observação. “voltei à fresta onde brilhava uma luz porque, como anoitecera, as irmãs haviam acendido velas; espiei novamente e vi que estavam nus”¹⁷. Na continuação da cena,

¹⁴ CHAUI, 1984, p. 77-78, grifo nosso.

¹⁵ ARETINO, Pietro. *Pornólogos. Tertúlia entre Nanna e Antonia transcorrida em Roma sob uma figueira composta pelo Capricho do Divino Aretino sobre os Três Estados da Mulher*. São Paulo: Degustar, 2006, p. 29.

¹⁶ LAPEIZ, Sandra Maria; MORAES, Eliane Robert. *O que é pornografia ?*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984, p. 142-143.

¹⁷ ARETINO, 2006, p. 28.

Nanna presencia um ato sexual, sem ser vista, que envolve múltiplos parceiros. Por atravessar o limite do permitido, ao observar as práticas de terceiros, Nanna como narradora, nos proporciona a observação da cena nos inserindo num espaço pornográfico, sendo “o dispositivo pornográfico — pelo próprio fato de ser um dispositivo de representação para um leitor posto na posição de *voyeur* — transgride as proibições ao introduzir terceiros no espaço íntimo”¹⁸. Nanna é um *voyeur*, e nós leitores, somos o *voyeur* da própria Nanna, e nessa relação constrói-se maneiras diferentes de contemplar o sexo.

Ao longo de *Pornólogos I*, Aretino descreve a utilização de um “brinquedo sexual”. “Ao contemplar o negócio de vidro, senti que fiquei excitada, pois o que vira daria para excitar todo o eremitério dos Camaldulos. E a força de o contemplar, caí em tentação.”¹⁹. Essa relação entre o visualizar o ato sexual de outro e sentir prazer, excitação, é um ato de transgressão, violação exemplificado por Lapeiz e Moraes.²⁰

Também ao expor um objeto para alcançar o prazer esbarramos em Preciado, pois, essas cenas compunham representações de rupturas que podem ser relacionadas a Dildotectônica, que “se propõe identificar as tecnologias de resistência [...] e os momentos de ruptura da cadeia de produção corpo-prazer-benefício-corpo nas culturas sexuais hétero e queer”²¹. Ao escrever esses diálogos, Aretino apresenta seu panorama da postura de Nanna, que sem pudor, explica claramente como utilizar o que chamou de “o negócio de vidro”: “Havia um buraquinho especial por onde se enchia de água quente [...]. Ergui minha roupa, apoiei a base do estoque no baú, a ponta em meu corpo e comecei a macerar suavemente onde sentia excitação”²². Também ao final, a personagem entrega-se as sensações proporcionadas pelo ato, “Quando entrou tudo, pensei que fosse morrer de uma morte mais doce que a vida das beatas. [...] vi que estava coberta de sangue e quis gritar minha confissão”²³. Nanna, apresenta um pouco da divergência existente com relação a sua sexualidade, e o contexto vívido pelo autor, no momento em que a personagem descreve seus feitos.

Mesmo nesses textos com conteúdo sexual, a concepção católica se faz presente, na figura da Igreja, sendo que Aretino foi muito próximo dos papas Leão X (1513-1521) e

¹⁸ MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p.40.

¹⁹ ARETINO, 2006, p. 27.

²⁰ LAPEIZ, Sandra Maria; MORAES, Eliane Robert. 1984, p. 142.

²¹ PRECIADO, 2014, p. 49.

²² ARETINO, 2006, p. 27.

²³ ARETINO, 2006, p. 27.

Clemente VII (1523-1534)²⁴, entre outros membros do clero²⁵. Nesse sentido, Michel Foucault atenta para o significado cristão dado ao ato sexual, segundo ele “[...] o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antiguidade o teria dotado de significações positivas”²⁶. Assim, do viés cristão, esse conjunto de práticas sexuais expostas tanto nos *Pornólogos*, quanto nos *Sonetos*, confronta os dogmas pregados pelo catolicismo, pois mesmo que o sexo seja atado ao pecado de maneira geral, “[...] todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriadora são consideradas ainda mais pecaminosas, colocadas sob a categoria da concupiscência e da luxúria e como pecados mortais”²⁷. Em contrapartida, visualiza-se no Renascimento um período de florescimento das artes e valorização do indivíduo, onde as artes clássicas da antiguidade greco-romana são tomadas como modelo de beleza.

A Antiguidade greco-romana, que desde o século XIV intervém tão poderosamente na vida italiana – enquanto suporte e base da cultura, enquanto meta ideal da existência e, em parte, também como uma nova e consciente reação ao já existente –, havia muito tempo vinha exercendo influência parcial sobre toda a Idade Média, inclusive fora da Itália.²⁸

A partir dessa perspectiva, é presumível que os escritos aqui ganhem notoriedade, seguindo a concepção trazida por Foucault sobre o ato sexual. Na Antiguidade, não havia o peso do pecado sobre as práticas sexuais, a aura pecaminosa só foi conferida a elas posteriormente, na Idade Média. Na Renascença a antiguidade clássica foi revalorizada e, com ela, a tentativa de exaltação e descriminalização dos prazeres.

Nesse sentido, o ânus também aparece como centro do prazer nas escritas de Aretino. Contudo, essa prática está, fora da norma cristã, o que nos traz uma divergência frente ao catolicismo, visto a relação, ainda mais pecaminosa, que envolve o sexo anal. Para Georges Bataille, essa relação transgressora evidente faz parte do erotismo e está ligado ao interdito. “O interdito observado fora do medo não tem mais a contrapartida de desejo que

²⁴ Anos de início e fim do papado.

²⁵ Informações retiradas das notas de tradução de José Paulo Paes na edição brasileira dos Sonetos Luxuriosos. E também presentes no livro de Paul Larivaille, Pietro Aretino. Nel cinquecentenario della nascita, tomo I, Roma: Salerno Editrice, 1995.

²⁶ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 17.

²⁷ CHAÚÍ, 1984, p. 87.

²⁸ BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 178.

é o seu sentido profundo”²⁹. Assim a relação anal, um tabu, também causa atração. No soneto nº 4 esse desejo promovido pela vontade do sexo anal fica aparente:

Este caralho é mais do que um tesouro!
É o bem que pode me fazer mais feliz!
Este sim é que é bem de Imperatriz!
Vale esta gema mais que um poço de ouro!
[...]
Sim, é verdade, mas
O caralho nos dá tanta alegria
Que nossa gula o quer na frente e atrás.³⁰

Em sua resposta, identificamos uma mulher que admite prazer, sem pudor na sua fala, mesmo esse sexo não tendo a finalidade de reprodução, seguindo as premissas cristãs. Essa é uma maneira de propiciar o contato com esse prazer proibido, mas contestado. Também pode demonstrar um fetichismo da escrita de Aretino em situar a mulher como promotora desse diálogo, sendo ela uma figura ainda rebaixada socialmente frente ao homem e ao ato sexual, mas que se permite sentir prazer no sexo. Segundo Jorge Leite Júnior,

Além da proibição bíblica, desde pelo menos a Idade Média, a relação social com o ânus é ambígua. Se, por um lado, ele provoca festivamente uma das expressões do prazer corporal [...], por outro, esta parte da anatomia é constantemente ligada à ofensa e à injúria³¹.

Muito na obra de Aretino tem relação com o ânus. Mesmo sendo afirmado como bestial pela concepção católica, esse tipo de cópula aparenta ser o que propicia mais interesse por parte das personagens, principalmente nos *Sonetos Luxuriosos*, pois em praticamente toda a obra, a conotação sexual em relação ao ânus aparece. Seja como algo ligado ao pecado, algo comum aos pares ou ainda como algo que se busca com ansiedade. Em outros momentos da obra, o sexo anal é trazido à tona pela figura feminina. No soneto nº 20, que ao concluir, apresenta a mulher com voz de poder:

[...]

Ah! Traidor, teu pau é muito duro.

²⁹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: LPM, 1987, p. 25.

³⁰ ARETINO, 2000, p. 59.

³¹ LEITE, Jorge Júnior. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 222.

Oh! Como já na cona me confeito.
Prometo que no cu um dia o aceito
E o faço sair limpo, te asseguro.³²

[...]

Essa inserção enfática da prática sexual anal representa um ato de transgressão, e o gosto pelo interdito. Nesse sentido, é preciso abordar a pujante denominação que nos salta aos olhos, pois essa expressão do ato sexual nos remete a uma definição desse material sendo erótico e/ou pornográfico. A dificuldade em conseguir delimitar os dois termos em campos específicos e distintos, se apresenta geralmente quanto a uma diferenciação moral. Presa-se o belo o alto, tendo o pornográfico quanto uma categoria menor, rejeitado frente ao erotismo que nos é apresentado como superior. De acordo com Maingueneau,

A valorização do erotismo, aliás, permite a muitos condenarem a pornografia, julgada como elementar, sem incorrer na pecha de puritanos. Com efeito cada uma dessas duas noções se legitima por meio da rejeição da outra: o erótico não para de demonstrar sua superioridade por conta de sua capacidade de não ser pornográfico, enquanto o pornográfico se situa como um discurso de verdade que se recusa hipocritamente a “tapar o sol com a peneira”, que pretende não esconder nada.³³

Assim, essas duas definições se atravessam pela literatura de Aretino, experimentar ambas é buscar entender as inserções possíveis desses textos. Mesmo que Lynn Hunt apresente o autor como um escritor que estabeleceu os elementos constituidores da chamada escrita pornográfica, que seriam “[...] a representação explícita da atividade sexual, a forma do diálogo entre mulheres, a discussão sobre o comportamento das prostitutas e o desafio às convenções morais da época”³⁴. Hunt expõe esse conceito a partir da definição de pornografia, apresentada anteriormente por Peter Wagner, que significa “a representação realista, escrita ou visual, de órgãos genitais ou condutas sexuais, que implica transgressão deliberada da moral e dos tabus sociais existentes e amplamente aceitos”³⁵. Estabelecer o que seria pornográfico, implica em estabelecer um direcionamento para essa

³² ARETINO, 2000, p. 91.

³³ MAINGUENEAU, 2010, p. 30-31.

³⁴ HUNT, Lynn. *A Invenção da Pornografia*. 1 ed. São Paulo: Hedra, 1999, p.26.

³⁵ apud HUNT, 1999, p. 26

escrita, tendo em vista que erótico e pornográfico são conceitos tão próximos, mas não necessariamente seria preciso situa-los exatamente como opostos.

Por isso, não cabe aqui inserir os textos de Aretino em uma dessas searas, pois a sua contribuição está posta no que diz respeito a transgressão promovidas por essas obras, avançando outras linhas morais. Ao ultrapassar os limites do privado e do permitido, a “[...] exibição do obsceno seria uma verdadeira celebração do prazer, que, condenado e proibido, triunfaria na forma de transgressão”³⁶. No soneto nº 24, esse ato transgressor está novamente presente, pois a obscenidade do ato sexual não está só no ato, mas na presença do ânus como objeto de fetiche e prazer,

[...]

Se o caralho no cu todo quereis,
Porém, à grã maneira, eu me contento
De que façais de mim o que quereis.³⁷ [...]

Esse é um soneto em que os personagens dialogam sobre as formas de penetração, onde o sexo anal, mesmo ligado ao pecado, é fonte de prazer. A promoção do ato sexual na escrita de Aretino está ligada a obscenidade. “Num raciocínio levado ao extremo, a pornografia poderia representar até mesmo a possibilidade de realização, através do imaginário, da interminável e desesperada busca do desejo”³⁸. Os *Sonetos Luxuriosos* apresentam uma compilação de obscenidades, onde o sexo é algo que deveria ser escondido, não estar declaradamente exposto. “A pornografia grita e cala, colocando lado a lado o escândalo e o silêncio”³⁹. As cenas que saltam às páginas são para estarrecer o leitor.

POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DAS PRÁTICAS SEXUAIS “CONTRANATURA”

Ao refletir os textos de Aretino, percebemos uma realidade que não é a contemporânea, mesmo que discussões frente a sexualidade são reavivadas atualmente. Contudo, as vivências não do autor, mas do documento, nos permitem reatualizar essas

³⁶ LAPEIZ; MORAES, 1984, p. 142.

³⁷ ARETINO, 2000, p. 99.

³⁸ LAPEIZ; MORAES, 1984, p. 142.

³⁹ LAPEIZ; MORAES, 1984, p. 110.

mesmas discussões, para a análise das obras de diferentes prismas. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”⁴⁰. Tal como ela se apresenta no nosso presente, vinda de um tempo que não pertence ao historiador, como se o documento fosse ele contemporâneo de diferentes tempos, talvez essa seja uma colocação possível frente a ele, pois,

o acontecimento extrai sua novidade paradoxal do que está ligado ao redito, ao dito fora de contexto, fora de propósito. Improriedade da expressão que é também uma superposição indevida dos tempos. O acontecimento tem a novidade do anacrônico.⁴¹

Ele parte de um passado, mas também do presente, os acontecimentos não são mais possíveis de serem vistos na sua totalidade, ao mesmo tempo que a obra de Aretino, escrita no século XVI, tem sua temporalidade diversa, pois atravessa os séculos, sendo evocada em tempos distintos, até chegar nessa pesquisa. Assim, passado e presente coabitam no documento, sendo que “o anacronismo é necessário, o anacronismo é fecundo, quando o passado se revela insuficiente, até mesmo constitua um obstáculo à sua compreensão”⁴². Ao propor o anacronismo como forma viável de observação do documento, encontra-se uma diferente possibilidade de trato com a fonte, ao abarcar temporalidades que se interligam ao documento, onde o acesso ao passado é restrito.

Ao chegar à mesa do historiador, seja um documento dito completo ele é, ao mesmo tempo, fragmentado, cheio de ausências e partes inacessíveis. Ao tratar dos textos de Aretino, eles encaram uma realidade que pode ser tida como atual, por se tratar de um debate relacionado a sexualidade e às práticas sexuais. Contemporaneamente, essa discussão envolve outros tratamentos, talvez, essa também seja uma realidade, uma vivência do documento nesse presente que ele se encontra. Essa sensação perpassa para a figura do observador, do leitor que está vivenciando o texto, os dois se encaram dizem muito sobre suas experiências, parecendo que cada um se apropria da vivência do outro. “Em primeiro lugar, o anacronismo parece emergir na dobra exata da relação entre imagem

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 224.

⁴¹ RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: ensaio de poética e saber*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 46.

⁴² DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 25.

e história: as imagens, certamente, têm uma história”⁴³. Sendo os textos também portadores de história.

Nessa relação promovida pelo texto, o anacronismo se instaura de diferentes formas e a possibilidade de análise se amplia. Não temos acesso ao passado do documento, mas sua inserção no presente representa novas leituras frente ao objeto.

A multiplicidade das linhas de temporalidades, dos sentidos mesmo de tempo incluídos em um “mesmo” tempo, é a condição do agir histórico. Levá-lo efetivamente em conta deveria ser o ponto de partida de uma ciência histórica, menos preocupada com sua respeitabilidade “científica” e mais preocupada com o que quer dizer “história”.⁴⁴

Os textos de Aretino dialogam com o presente. Dessa maneira o estudo do documento não deve estar preso a seu passado fragmentado, é necessário ir além, encontrar no presente uma nova vivência para a fonte. Em um primeiro momento, Paul B. Preciado, teórico e filósofo contemporâneo que trabalha com estudos de sexualidade e de gênero, não teria colocações possíveis para um escritor italiano renascentista. Contudo, ao abordar as práticas sexuais, ambos recorrem a uma sexualidade plural onde os indivíduos de diferentes formas “reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas”⁴⁵. Aretino investe em colocações onde o sexo é protagonista, e a variedade de práticas sexuais completam o olhar. Essa inserção tem propostas diversificadas, pois aquele que observou ao lançamento das obras, não é o mesmo que está hoje contemplando as mesmas narrativas. Entretanto, o diálogo é possível e fecundo, pois não se trata unicamente de uma pergunta feita ao objeto, mas de um a série de relações que circulam entre passado e presente. Nessa relação:

[...] o que funda os acontecimentos é sempre o não acontecimento; o que explica as palavras é o que não é mais palavras. Em suma, o historiador [...] vai ver o que está por trás das palavras. [...] O discurso do historiador é um discurso-medida que relaciona as palavras da história à sua verdade. É isso que quer dizer explicitamente interpretação⁴⁶.

⁴³ DIDI-HUBERMAN, 2015, p.3 0.

⁴⁴ RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011, p.49.

⁴⁵ PRECIADO, 2014, p. 21.

⁴⁶ RANCIÈRE, 2014, p. 48-49.

O historiador trama junto ao documento, sendo sua análise a permear as palavras não ditas presentes na fonte. É o historiador, por meio de seu trabalho, que oferece a fala necessária a fonte, pois, o documento não é capaz de dizer nada por si só, sendo seu resgate feito para que haja história. Por isso, mesmo que tempos venham a se confundir no mesmo objeto,

não se deve dizer que há objetos históricos que dependem de tal ou qual duração: é preciso compreender que em cada objeto histórico todos os tempos se encontram, entram em colisão, ou ainda se fundem plasticamente uns nos outros, bifurcam ou se confundem uns com outros.⁴⁷

Dessa maneira, visualizamos em Aretino também essa confusão de tempos. Ao tratar de práticas ditas subversivas inseridas em um ambiente normativo, temos de diferentes maneiras, colocação que englobam a literatura de Aretino e a teoria de Preciado. Aretino desenvolve seus textos a partir das práticas sexuais, por ter essa temática, classificariamos suas obras ao que chamariamos de pornográfica ou erótica. Nos *Sonetos Luxuriosos* temos essa colocação visível,

Para provar tão célebre caralho,
Que me derruba as orlas já da cona,
Quisera transformar-me toda em cona,
Mas queria que fosses só caralho.⁴⁸

[...]

Ao desvelar seu trabalho como pornográfico encontra-se um “discurso por excelência veiculador do obsceno: daquilo que se mostra e deveria ser escondido. A exibição do indesejável: o sexo fora de lugar”⁴⁹. Enquadrar o texto em algum parâmetro, se insere em questões mais profundas, pois a veiculação aberta das práticas sexuais, denota como o sexo é motivo de discussão quando parte para o meio público. Quando está “fora de lugar”, as práticas expostas por Aretino encontram essa lógica, evocando o obsceno por meio da literatura. Da mesma maneira, Preciado também entende essa exposição do sexo, visto que “os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais

⁴⁷ DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 46.

⁴⁸ ARETINO, 2000, p. 73.

⁴⁹ LAPEIZ; MORAES, 1984, p. 110.

oblíquas. A arquitetura é política. É ela que organiza as práticas e as qualifica: públicas ou privadas, institucionais ou domésticas, sociais ou íntimas”⁵⁰. Assim, a existência de uma norma reguladora, em contrapartida com a veiculação de certas práticas relacionadas ao sexo, extrapola essas convenções, trazer as mais variadas relações sexuais para o meio público qualifica como uma quebra de lugar. Aretino expõe o sexo de maneira literal com os *Sonetos*, mas também na narrativa de *Pornólogos I*, onde o sexo é conduzido a se apresentar como habitual, presente em diferentes extratos da sociedade. Tal como a decepção da camponesa “[...], quando soube que a cevada preparada para ela fora comida por outra, foi para casa com comichões no rabo, e ficou um ano sem falar com a patroa”⁵¹. Ao observar as colocações postas por Aretino, tanto nos trechos apresentados dos *Pornólogos I*, quanto dos *Sonetos Luxuriosos*, as citações representam a exposição do sexo fora de lugar, contudo não só dessa maneira a relação entre Preciado e Aretino pode ser vista.

A sexualização de práticas que se valem de outros meios, que não o tradicional - homem/mulher, pênis/vagina - são compreendidas como também fora de lugar, extrapolam os limites propostos inicialmente pela Igreja, e dissipados ainda atualmente. Essa regularização não impediu Aretino de situar em seus textos práticas fora de padrão. Como ao tratar o ânus com naturalidade, indicando-o como meio de conquista do prazer. No soneto nº 22, a escrita direta não menospreza o ânus apresentando-o como um meio de prazer eficaz, e até equivalente ao genital,

[...]

Faz de mim o que tenhas por tenção;
Em cona ou cu, a mim me importa pouco
Onde busques alívio do tesão.⁵²

[...]

Em *Pornólogos I*, as práticas sexuais são variadas, o toque sutil na escrita de Aretino presentifica o ânus através da metáfora. Nanna explica que “No melhor da história, ele havia tirado a torneira da frente do barril e quis enfiá-la pelos fundos [...], cravou-lhe a vara pelos fundos da padaria”⁵³. As passagens valorizam a prática que se afasta do natural,

⁵⁰ PRECIADO, 2014, p. 31.

⁵¹ ARETINO, 2006, p. 79.

⁵² ARETINO, 2000, p. 95.

⁵³ ARETINO, 2006, p. 30-31.

deixando claro que a sua função é o prazer. Preciado atesta a necessidade de “Difundir, distribuir e colocar em circulação práticas subversivas de recitação dos códigos e das categorias de masculinidade e de feminilidade naturalizadas no âmbito do sistema heterocentrado [...]”⁵⁴. Aretino com seus textos contribuiu, de certa maneira, para essa difusão de práticas subversivas frente às já naturalizadas, evocando um discurso não condizente com seu lugar, uma Roma cristã do século XVI, onde seu círculo social contava com membros do clero, como dito anteriormente. Também um discurso medido na valorização de práticas sexuais que estão na margem do normatizado, visando o prazer como eixo central dessas relações. Para Preciado, o prazer não estaria somente voltado aos órgãos reprodutivos, o corpo todo se torna sexual, possível e passível de prazer. Da mesma forma para Aretino, há meios que fogem o padrão para se efetivar o prazer.

A reconquista do ânus como centro contrassexual de prazer tem pontos comuns com a lógica do dildo: cada lugar do corpo não é somente um plano potencial no qual o dildo pode se deslocar, mas também um orifício-entrada, um ponto de fuga, um centro de descarga, um eixo virtual de ação-paixão⁵⁵.

Preciado compreende que o corpo é sexual, que não deveriam ser designadas zonas específicas para obtenção de prazer, mas sim que o incentivo fosse em ampliar as zonas erógenas, propiciando diferentes meios de chegar ao gozo. Nos textos de Aretino, pode-se observar essa discussão, pois o autor aborda, com suas personagens e seus sonetos, uma variedade de formas sexuais, diferentes posições frente ao sexo, com o único intuito de disseminar o prazer por excelência.

Ao pensar a valorização das práticas sexuais, entretanto, é sabido que Preciado e Aretino não são contemporâneos, nem mesmo partilham conscientemente da escrita um do outro. Mesmo assim, consegue-se observar como é possível uma contribuição de Preciado para a análise de Aretino. Pois, as colocações feitas nas obras, possuem uma ligação visível com as discussões contemporâneas relacionadas a sexualidade. Nesse sentido, ao propor essa leitura das obras de Aretino, é possível um encontro com o que Rancière chamaria de anacronia.

⁵⁴ PRECIADO, 2014, p. 36.

⁵⁵ PRECIADO, 2014, p. 32.

Não existe anacronismo. Mas existem modos de conexão que podemos chamar positivamente de anacronias: acontecimentos, noções, significações que tomam o tempo de frente para trás, que fazem circular sentido de uma maneira que escapa a toda contemporaneidade, a toda identidade do tempo com “ele mesmo”. Uma anacronia é uma palavra, um acontecimento, uma sequência significativa saídos do “seu” tempo, dotados da capacidade de definir direcionamentos temporais inéditos, de garantir o salto ou a conexão de uma linha de temporalidade com uma outra. E é através desses direcionamentos, desses saltos, dessas conexões que existe um poder de “fazer” a história⁵⁶.

Conectar tempos distintos em um objeto com discussões que o invadem, seja ao olhar com perspectivas passadas para as contemporâneas, é permitir sua vivência independente do seu tempo. É possibilitar que seu passado seja presente, pois não compreender a fonte perante esse olhar da anacronia se apresenta como “[...] uma tentativa de eliminar toda temporalidade nesses objetos, de modo a impô-los como objetos a ver sempre imediatamente, sempre exatamente como são”⁵⁷. Admitir sua vivência, garante ao objeto acesso ao presente, perante o historiador incapaz de chegar ao passado na sua totalidade, encontra na fonte que aqui está, um meio de entendimento desse passado.

Ao aceitar os textos de Aretino em um contexto de análise contemporâneo, contribui-se para que discussões diversas sejam inseridas nas obras, como a proposta por Preciado, sem denegrir o potencial da fonte em ajudar a entender experiências passadas, pois “a imputação de anacronismo não é alegação de que uma coisa não existiu numa determinada data, é a alegação de que ela não pôde existir nessa data”⁵⁸. Isso seria imputar ao documento uma realidade possível de ser comprovada, não permitindo que suas nuances sejam sentidas, e compreendidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pretensão de problematizar as práticas sexuais, encontra-se diferentes materiais que ilustram a temática. Dentre eles os selecionados para essa pesquisa, os quais se apresentam com vigor, expondo o sexo de maneira abruta, consolidando o corpo como sexual. Tanto nos *Sonetos*, onde a visibilidade do sexo parece mais intensa, quanto em *Pornólogos*, com o uso de metáforas promotoras de riso, os textos encaram um meio de

⁵⁶ RANCIÈRE, 2011, p. 49.

⁵⁷ DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 56.

⁵⁸ RANCIÈRE, 2011, p. 31.

disputa frente ao normatizado, ao abordar situações que fogem da norma estabelecida em um contexto onde a presença dos dogmas católicos é preponderante. Pois, segundo Preciado,

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas⁵⁹.

Assim, essas são obras possuidoras de um conteúdo desconectados dos padrões aceitos pelo cristianismo. Pois, transpassam o sexo para além da procriação, para além do quarto, na exposição das cenas, e também fogem dos padrões ditados pela Igreja transformando tudo isso em um espetáculo literário. Através da escrita de Pietro Aretino, algumas situações frente a sexualidade são postas, situações essas que se divergem do esperado, não só no período e local abordado, quanto na contemporaneidade. Pensar as práticas sexuais é reatualizar o documento, é permitir que ele dialogue com o presente, sem deixar seu passado. Proibir a fluidez do tempo no documento infere a ele um status de menor valor, ou ainda impossibilita que diferentes análises decorram a partir desse documento, apresentado já em outro tempo que não o dele. Calar a fonte dessa maneira é “[...] colocar esse impossível no passado, [...] diminuí-lo, afetá-lo com uma parcela menor de ser”⁶⁰. Não permitir que sua vivência seja sentida, nem promovendo uma ligação entre passado e presente, onde as temporalidades se cruzam nos documentos.

Nos textos de Aretino essas “múltiplas temporalidades” se encontram, sendo possível confrontá-los com o presente, “pois irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela”⁶¹. Conceder ao passado seu lugar no presente é ir além de identificar traços de um período, tal qual a literatura de Aretino apresenta. É possibilitar a esse mesmo passado que seja presente, que sua fala seja escutada e discutida frente a problemas contemporâneos, tanto quanto seu passado, sua concepção seja possível de ser encontrada pelo historiador.

⁵⁹ PRECIADO, 2014, p. 25.

⁶⁰ RANCIÈRE, 2011, p. 43.

⁶¹ BENJAMIN, 1987, p. 224.